

OBSTÁCULOS EM TORNO DO ENSINO DE FILOSOFIA NA ESCOLA CIDADÃ INTEGRAL FRANCISCA MARTINIANO DA ROCHA

Ana Flávia Felix Costa ¹
Gilmara Coutinho Pereira ²

INTRODUÇÃO

A filosofia sempre foi considerada como uma ameaça, principalmente quando um determinado país está sob um governo conservador e autoritário. Por isso, durante muitos anos o ensino de filosofia foi censurado nas escolas, é a partir de 2008 que a lei nº 11.684 estabelece que o ensino de filosofia deve ser obrigatório em todas as escolas de ensino médio. Assim sendo, desde que a lei foi sancionada, o ensino de filosofia vem tendo alguns obstáculos a serem ultrapassados e algumas dificuldades para sua efetivação de forma eficaz.

No início do ano letivo de 2019, as escolas estaduais da Paraíba começaram a implementar o sistema de ensino integral nas escolas de nível médio, os alunos que antes estudavam de forma regular, comparecendo apenas durante o turno da manhã na escola, passaram a estudar durante a manhã e a tarde. Os objetivos da escola cidadã integral, teoricamente, são muito válidos, uma vez que visa uma educação que forme cidadãos preparados para conviver melhor em sociedade e que estabeleçam relações sociais éticas e virtuosas, sendo a escola cidadã um espaço que estimula a integração do aluno ao processo educativo. Porém, a escola cidadã integral, no estado da Paraíba, na prática, ainda deixa lacunas para serem preenchidas e repensadas, dentre elas o ensino de filosofia.

Pensar o “ensinar filosofia” deve ser uma tarefa constante, tanto para os professores que já atuam na área quanto para os que ainda irão começar a atuar. O “ensinar filosofia” não é algo mecânico que requer apenas que o professor chegue em sala e comece a expor um determinado conteúdo na espera que os alunos o abstraíam e guardem para si aquele assunto como se fosse uma verdade irrefutável ou até mesmo indiscutível, o ensinar filosofia exige um pensamento crítico e problematizador, que estimule os alunos a saírem de suas zonas de

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba - PB, nafla05@hotmail.com;

² Orientadora, Professora Doutora do Departamento de Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba – gilmara.coutinho.uepb@gmail.com.

conforto e comecem a enxergar novas possibilidades de mundo. Como afirma Freire (2019, p.102):

A educação problematizadora, que não é fixismo reacionário, é futuramente revolucionária. Daí que seja profética e, como tal, esperançosa. Daí que corresponda à condição dos homens como seres históricos e à sua historicidade. Daí que se identifique com eles como seres mais além de si mesmos - como “projetos” -, como seres que caminham para frente, que olham para frente; como seres a quem o imobilismo ameaça de morte; para quem o olhar para trás não deve ser uma forma nostálgica de querer voltar, mas um modo de melhor conhecer o que já está sendo, para melhor construir o futuro.

Diante disso, pesquisar e observar os problemas que cada vez mais vem dificultando o ensino de filosofia no Brasil é de extrema importância. O presente trabalho tem por objetivo evidenciar alguns obstáculos que dificultam o ensino de filosofia e pontuar algumas possibilidades que favoreçam o melhor desempenho do professor com relação ao ensino e o desempenho dos alunos com relação a aprendizagem. Portanto, é imprescindível que não só os professores e os alunos adotem medidas para que o cenário educacional seja modificado, os reparos ao desmonte da educação devem começar a partir das necessidades básicas, onde está incluso estrutura, infraestrutura e recursos para que possam ser desenvolvidos nas escolas, não só integrais como também nas regulares, uma educação que construa e desenvolva os pilares fundamentais da educação, em busca de uma educação autônoma, libertária e ética.

METODOLOGIA E DESENVOLVIMENTO

A metodologia utilizada no presente trabalho consiste na observação das aulas de filosofia na Escola Francisco Martiniano da Rocha, ministradas pelo preceptor dos residentes do curso de filosofia através do Programa Residência Pedagógica e, através da experiência de regência enquanto residente do programa, sendo realizada, também, uma pesquisa com os alunos por meio de um questionário. Além das experiências vivenciadas na escola, foi feita uma pesquisa bibliográfica, que contribuiu para o embasamento e desenvolvimento teórico da pesquisa.

Compõem o referencial teórico os pensamentos de Paulo Freire e Adorno, levando em consideração as grandes contribuições que os mesmos trouxeram para o desenvolvimento do pensamento educacional. É importante refletir sobre como a educação pode ser o principal meio para emancipação do homem, uma vez que “A exigência de emancipação parece ser evidente numa democracia” (ADORNO, 1995, p. 169) ou que a mesma faz parte de um

processo social o qual está relacionado com a história, cultura e ambiente onde o sujeito está inserido, sendo estes aspectos relevantes para o desenvolver da presente pesquisa, que busca problematizar os obstáculos encontrados e como esses podem interferir no ensino de filosofia na escola cidadã integral.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Levantar uma discussão acerca das demandas e das condições que as escolas cidadãs em tempo integral se encontram é imprescedível. No início deste ano (2019) foi adotado no estado da Paraíba o sistema de ensino em tempo integral nas escolas, o que nos remete a pensar que para fornecer um ensino em tempo integral a escola deve oferecer aos alunos e professores os devidos recursos para a subsistência dos mesmos no ambiente escolar. No processo de transição, onde antes o aluno tinha cerca de 5 aulas por dia, agora ele passa a ter 9 aulas durante o dia inteiro na escola.

Com a adoção do sistema integral algumas coisas começaram a funcionar de forma diferente, havendo, inclusive, a inserção de novos métodos de ensino. Com a proposta de formar o aluno para o convívio em sociedade e que ele consiga através da educação sua autonomia e emancipação, a escola cidadã integral traz novos projetos de ensino, os quais colocam os alunos no centro de suas decisões. Um exemplo dessa nova forma de educar é a disciplina “Projeto de vida”. Nesta disciplina os alunos têm o espaço para refletir acerca do futuro e dos projetos que têm para a vida profissional, o aluno passa a ser o protagonista do processo e o professor é posto como mediador do diálogo.

De acordo com Shor e Freire (1986, p.31):

Todos nós que passamos pela escola tradicional ouvimos muitas aulas onde não há nada além de uma transferência de conhecimento oral, um canal verbal para a transferência de conhecimento, raramente fomos provocados por uma reinvenção criativa da linguagem sob nossos olhos, de um modo excitante, em que a linguagem nos obrigasse a re-pensar a maneira de ver a realidade. Isto requer uma certa prática por parte do professor. Requer também a opção política de entrar para a oposição, de ver a diferença entre a transferência de conhecimento especializada através de uma preleção e a colocação de um problema que contesta o conhecimento oficial, motivando os estudantes para a ação. Muitos professores perguntam: “Será que tenho que parar com minhas aulas expositivas de uma vez?” O importante é que o professor evite que sua fala seja uma canção de ninar informativa, ou uma apresentação sedativa. Ao invés disso, a palestra libertadora é um apelo crítico, que inspira os estudantes, que nasce do diálogo já estabelecido com eles. O professor que dá um passo à frente para fazer uma apresentação tem que perguntar como suas palavras estão enraizadas no discurso que já foi compartilhado em classe, mais do

que se representam uma performance acadêmica numa linguagem e sobre matérias que estão longe do envolvimento dos estudantes no estudo.

Tentativas de inovação e rompimento com a educação tradicional são propostos pela escola cidadã integral, mas alguns desafios dificultam a efetivação do projeto educacional da mesma na prática. Ao observar as aulas de filosofia e ter a oportunidade de ministrar algumas aulas na escola Francisca Martiniano da Rocha, no município de Lagoa Seca- PB, foi possível perceber que a escola, em questão de estrutura e fornecimento de recursos didático-pedagógicos para a execução das aulas, é escassa, o que dificulta o andamento das aulas, tanto na questão do ensino quanto da aprendizagem do aluno.

Deixando, por ora, de lado as questões estruturais/materiais da escola e analisando a parte pedagógica, podemos reparar que, algumas disciplinas possuem uma carga horária mais ampla que a disciplina de filosofia, que tem apenas 40 horas anuais por turma, que é referente a apenas uma aula por semana em cada uma delas, tendo a quantidade de horas inferior a outras disciplinas o ensino de filosofia começa a entrar em desvantagem, principalmente por ser uma disciplina que, além de demandar tempo para expor os conteúdos propostos no livro didático, requer que o aluno abstraia o conteúdo e faça uma reflexão crítica sobre o assunto. O livro didático, por sua vez, nem sempre traz uma linguagem acessível aos alunos, o que dificulta os estudos dos mesmos e a interligação da teoria com a realidade onde eles estão inseridos, o que dificulta a aprendizagem.

E, ao analisar o contexto geral da situação, percebe-se que em muitos casos o responsável por ministrar as aulas de filosofia não possuem formação em filosofia, mas em áreas afins como história e geografia. É fundamental que a disciplina ofertada seja ministrada por um professor formado na área, levando em consideração que, mesmo que sejam professores competentes, há formas de abordar assuntos que somente professores da área conseguem desenvolver com maestria, contando também que cada formação é única e requer um tipo de atenção diferenciada.

São situações como as citadas no decorrer do texto que inviabilizam o desenvolvimento das aulas e do ensino de filosofia, a partir do momento em que outras disciplinas são vistas como prioridades e, por isso, tem uma carga horária mais elevada, disciplinas como a de filosofia acabam por se prejudicarem na tríplice ensino-desenvolvimento-aprendizagem. São fatores como estes que corroboram com a decadência do ensino de filosofia e faz com que os

alunos sintam-se cada vez mais desinteressados pelas aulas da disciplina. Deste modo, o ensino de filosofia passa a ser visto como algo descartável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da presente pesquisa é possível concluir que a educação brasileira continua sofrendo em meio a alguns retrocessos. A escola cidadã integral, na teoria, tenta modificar o cenário onde a educação tradicional prevaleceu por muito tempo, porém, quando é posta na prática a realidade torna-se mais árdua e mais complexa. Oferecer um ensino integral sem que as escolas tenham estruturas básicas que permitam aos alunos e professores a mínima acomodação é prejudicial para o ensino e para a aprendizagem.

A escola cidadã integral necessita trazer consigo novos mecanismos que possam trabalhar nos alunos um novo pensar político, social e ético, é um projeto de escola que deve ir além da teoria e trazer a realidade do aluno para dentro das paredes escolares, mas isso só pode começar acontecer a partir do momento em que as políticas básicas forem ofertadas de forma efetiva, dando aos alunos condições dignas para estudar, aumentando, por consequência, seus objetivos e expectativas de vida.

O ensino de filosofia também sofre com essa falta de estrutura e é afetado significativamente. É fundamental que o ensino de filosofia seja baseado no incentivo ao surgimento de uma consciência crítica no aluno, um ensino que não tenha apenas o livro didático como fonte de conteúdo, nem a reprodução da história da filosofia como fonte de ensino. A disciplina de filosofia tem o papel essencial de formar sujeitos críticos e questionadores e, é essa mesma disciplina que é silenciada, diante de um projeto de educação que não quer que a população questione a realidade ao seu redor. Sendo assim, o ensino de filosofia é resistência e busca de possibilidades que tragam maior visibilidade à filosofia, pensar o ensino de filosofia e os obstáculos que o perpassa é essencial para o seu desenvolvimento e impacto social na vida dos alunos.

Palavras-chave: Educação. Escola Cidadã. Pensamento Crítico. Aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *Educação e Emancipação*. Tradução de Wolfgang Leo Maar. 1ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 68ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e ousadia: cotidiano do professor*. Tradução de Adriana Lopez. 5ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.